

Prefácio

Ana Elisa Ribeiro

Como citar: RIBEIRO, A. E. Prefácio. *In:* GARCIA, D. N. M.; ALEXANDRE FILHO, P.; SANT'ANNA, D. V. **Tecnologias e metodologias ativas:** (res)significando percursos educacionais. Marília: Oficina Universitário; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. p. 11-14. DOI: <https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-210-9.p11-14>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição- NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Prefácio

Educação e pesquisa em tempos de crise ou um prefácio

Ana Elisa Ribeiro¹

Não paramos sequer por um minuto. A crise sanitária mundial, agravada no Brasil por ter encontrado um ambiente propício de necropolítica, movimentou as escolas como nunca antes. Em que sentidos, se muita gente só as viu vazias e desabitadas? As escolas se movimentaram por dentro, no que precisam fazer de mais fulcral: entregar educação formal. No entanto, essa movimentação não foi ampla, democrática, uniforme e efetiva. Em muitos casos, quem via as escolas por dentro observou um enorme estresse e mudanças radicais nos modos de oferecer aulas e vários outros tipos de contato (afeto, escuta, entretenimento, apoio etc., e não sem desgaste). Muitas instituições conseguiram erigir, com rapidez, uma estrutura capaz de transferir seus serviços para o ambiente virtual, criando verdadeiros avatares, *second life*, um ambiente que seria ocupado então, de outro modo, por professores, professoras, estudantes, gestores, gestoras e todos os protagonistas do universo diverso, entre papéis e funções, que faz de uma escola o que ela é (ou consegue ser). Outras tantas escolas, em muito maior número do que essas primeiras, demoraram a se reerguer. Embora o corpo docente estivesse ansioso, ávido por soluções, insone e exausto, depois de muita busca e muito esforço, inclusive investimento financeiro, sem qualquer apoio infraestrutural notável do Estado, um conjunto de escolas conseguiu erigir aquela tal estrutura capaz de trazer a comunidade de volta a um ambiente de

¹ Professora titular do Departamento de Linguagem e Tecnologia do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Doutora em Linguística Aplicada. Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, do Bacharelado em Letras e do ensino médio do CEFET-MG.

<https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-210-9.p11-14>

referência para as aulas, que também foram redefinidas e redesenhadas, conforme a circunstância exigia. Depois de alguma confusão, estabeleceu-se a nomenclatura Ensino Remoto ou Ensino Remoto Emergencial, que foi nada menos que a opção ao colapso, à ausência total de escolas. Bem, outro grupo de escolas, o que envolve uma quantidade enorme de estabelecimentos e pessoas, cidadãos e cidadãs brasileiros, não teve condições de resistir ao desamparo, ao hiato e ao isolamento provocados pela pandemia. Esse grupo de instituições não conseguiu, mesmo querendo e sendo pressionado, erguer uma opção, ainda que precária, ao ensino presencial, aí então impedido, suspenso, proibido em locais físicos.

A meu ver, é falsa a “polêmica” sobre se ensino remoto é bom ou ruim, se ensina melhor ou pior, se devia ou não ter existido. Um discurso nessa chave é contraproducente e excessivamente seletivo, ignorante do que foi a falta de opção de muitos e o esforço descomunal de outros, mesmo sem precedentes e sem saber direito o que fazer, mas fazendo. Nesse *frame*, ficamos com a falsa impressão de que havia outro jeito. Não havia. E o contato digital nunca foi substituto fiel do encontro físico. Já sabíamos disso quando fazíamos chamadas videofônicas com parentes que moram longe. Mas também sabíamos que os efeitos terríveis da saudade podem ser amenizados e a distância pode ficar mais suportável quando nos valem de algumas tecnologias. Minha pergunta remonta aos primeiros dias de pandemia e suspensão das aulas presenciais: qual era a outra opção? Simplesmente não havia outro modo, ao menos para os que vivemos no século XXI, depois da invenção da *Internet*, tecnologia capaz de nos conectar, desde que tenhamos em mãos nosso ponto (um *smartphone*, um *notebook* etc.). O melhor que podia haver, nas condições objetivas de 2020, era conseguir manter o contato, e mesmo os laços, entre escola e estudantes, durante um período que ainda ignorávamos qual seria. Certamente, a maioria de nós pensou que seria um “lapso” de quinze dias, um mês, e que poderíamos remarcar os trabalhos e as avaliações para logo. Estávamos errados. E foi nessa reconstrução radical que tivemos de trabalhar por todo este tempo, que, aliás, dura até agora (escrevo em agosto de 2021, vivendo um prenúncio cambaleante e nem sempre ético de retorno “híbrido”).

Uma obra como *Tecnologias e metodologias ativas: (res)significando percursos educacionais*, organizada por Daniela Nogueira de Moraes Garcia, Paulo Alexandre Filho e Daniel Vieira Sant'Anna, não nasce do descaso, da preguiça ou da imobilidade de seus autores, como certos políticos e outros terríveis enunciadores querem fazer crer. Só nasce algo assim do desejo profundo de experimentar o que a vida profissional impõe e expõe a cada professor e professora; do intenso trabalho de bastidores, já que o que se faz na escola quase nunca é visível a quem apenas trafega por fora de seus muros; da escuta e da observação sistemáticas de tudo o que aconteceu e continua a acontecer durante este período de incertezas e novas experiências educativas; da coragem de pensar, repensar, reler, rever, discutir, descrever, analisar e propor, em especial num momento em que foi impossível não sentir nada.

Trata-se de um livro que *ressignifica*, como o próprio título anuncia. É dedicado, ostensivamente, “a todos os professores, alunos e gestores escolares, que mergulhados nas incertezas diárias da pandemia, respiram educação no processo de ensinar/aprender, acreditando sempre em dias melhores” (veja-se nas primeiras páginas). Como viver bem, se as incertezas são diárias? Isso seria inaceitável para qualquer parcela de população, mínima que fosse; mas em nosso país, infelizmente, torna-se “normal”, já que planejar, esperar e garantir são luxos ou privilégios. Professores e professoras são pessoas que respiram educação, mesmo quando sofrem com as condições de trabalho e de sobrevivência; são pessoas que inspiram e também expiram, em outros sentidos, além de transpirarem muito, a despeito do desprestígio reforçado pelo desincentivo político e pela criminosa propaganda midiática contra eles. Acreditar em dias melhores é coisa de professor e de professora. Não fosse isso e seria uma tragédia muito maior. Pergunto: quem esteve com seus filhos durante os momentos mais duros da pandemia? Bem, isso se você e sua família tinham seus pontos de conexão. E agora? Entendemos que esses pontos deveriam fazer parte de nossa infraestrutura? Já percebemos que nada disso era novidade?

Três docentes pesquisadores organizaram esta obra, que reúne e apresenta quinze textos de vinte investigadores e investigadoras, além da

apresentação e deste prefácio. Em sua maioria, os capítulos foram escritos a várias mãos, num esforço coletivo importante e agregador; inspirador também. Problemas como os nossos, neste país, não se resolverão com indivíduos jogando por si e contra todos. É preciso que haja união; mas saber se unir, se reunir e pensar juntos, visando ao bem comum, não é para principiantes. Às vezes, nem com mais de quinhentos anos um país alcança essa graça. Mas, ainda bem, há uma categoria de gente que sempre trabalha com os olhos voltados ao futuro, ao amanhã, ao que ainda existirá. Esses são os professores e as professoras, que nem teriam razão de existir, não fosse a chama dessa possibilidade. E, é claro, esta é uma visão otimista do que desejo que aconteça.

Não vou me estender mais aqui e nem adiantarei os temas e argumentos dos capítulos que compõem este livro. Isso é feito pelos próprios organizadores nas próximas páginas. O que pude fazer, na alegria de integrar, de algum modo, esta tão necessária obra, foi escrever estas linhas de abertura, juntando minha voz ao vozerio comprometido destes autores e autoras, confiando que haja amanhã melhores depois desta crise gigantesca, que um dia diremos ter atravessado; e mais: ter com ela aprendido a ser melhores.